

Editorial

Com este número tem início a publicação do segundo volume de **Scientiæ studia**. Os artigos aqui publicados guardam entre si uma evidente relação temática, pois tratam de aspectos filosóficos e históricos das chamadas ciências exatas (no caso, pela ordem, a física, a química e a matemática), muito embora reflitam estilos analíticos diferentes, o que é, de certo modo, expressão do “pluralismo de abordagens” característico da filosofia e da história da ciência na busca da compreensão de aspectos e episódios importantes do pensamento científico.

Assim, no ensaio que abre o número, Michel Paty empreende uma análise histórico-conceitual da emergência da causalidade física, examinando as modificações pelas quais passou a categoria de causalidade de Newton a d’Alembert e Lagrange, para mostrar como a matematização da física, em particular, com o desenvolvimento do cálculo diferencial e integral, conduziu à passagem da concepção metafísica da causalidade, entendida como causa eficiente, à concepção estritamente física de causalidade que vincula a causa, entendida como a ação de uma força, ao seu efeito, que é a mudança de movimento. No segundo ensaio, Juergen Heinrich Maar faz uma apresentação histórico-fatual do processo de institucionalização da química até aproximadamente 1825, caracterizando os diferentes períodos de desenvolvimento da atividade química até ela constituir-se como uma atividade acadêmica ligada a uma disciplina reconhecida como científica. O texto revela, desde o início da ciência moderna no século XVI, no processo de institucionalização da química, as relações sucessivas desta última com a medicina e a farmácia e, depois, enquanto química aplicada, com a metalurgia e a indústria, fornecendo dados preciosos para estudos posteriores sobre o processo de autonomização e especialização, pelo qual uma disciplina científica passa a ser uma profissão de nível superior. Por fim, Otávio Bueno, no artigo que encerra a seção, segue uma perspectiva de análise alinhada à filosofia analítica de orientação anglo-saxã, que dispensa uma reconstrução histórica, seja conceitual seja fatual, para intervir diretamente no debate acerca do estatuto ontológico da matemática, quando esta é aplicada à natureza por teorias físico-matemáticas, tais como a mecânica quântica. Trata, assim, de um problema específico e bem delimitado, ou seja, se as melhores teorias científicas de que dispomos precisam necessariamente estar formuladas em linguagem matemática.

O documento científico deste número é uma carta de Pierre-Louis Moreau de Maupertuis conhecida como *Carta XIV. Sobre a geração dos animais*, na qual podemos encontrar um resumo da posição desse autor acerca de problemas ontogenéticos, filogenéticos e genéticos da geração. No ensaio que introduz esse documento, Maurício de Carvalho Ramos mostra que, para além da originalidade das respostas de Maupertuis, encontra-se na carta aqui publicada um conjunto de dúvidas concernentes à natureza das unidades gerativas que reflete exemplarmente o estado da discussão na metade do século XVIII entre autores como Buffon, Needham e o próprio Maupertuis, os quais enfrentaram as teorias estabelecidas propondo novas concepções sobre a geração no limiar das hipóteses transformistas que conduziriam à teoria da evolução.

Este número de **Scientiæ studia** se encerra com Regina André Rebollo resenhando comparativamente quatro trabalhos dirigidos para a história das instituições científicas no Brasil. Apreciados em conjunto, eles apresentam uma análise histórico-sociológica do processo de institucionalização da pesquisa médica universitária e seu impacto na elaboração de políticas de saúde pública cientificamente orientadas. Essa apreciação serve ao duplo propósito de expor as filiações metodológicas e a orientação analítica dos trabalhos resenhados e também de produzir um questionamento preliminar da pretendida exclusividade ou superioridade das abordagens sócio-institucionais da ciência. ♻

PABLO RUBÉN MARICONDA
editor responsável